



Milhares de fiéis acompanharam a procissão de Santa Bárbara, padroeira dos Bombeiros, pelas ruas do Pelourinho

Dia de Santa Bárbara tingue o Centro Histórico de vermelho

Homenagem à padroeira dos bombeiros foi marcada pela emoção

Margareth Xavier

Duas imagens de Santa Bárbara entre as mãos. Nas roupas vermelhas e no canto de fé entoado durante toda a cerimônia, a fessoureira Maria do Carmo Nunes, 44 anos, dividiu sua emoção com centenas de outras pessoas que, no último sábado, comemoraram o Dia de Santa Bárbara. A missa presidida por dom Giljo Felício, às 10h30, na Igreja Nossa Senhora dos Rosários dos Pretos, foi uma celebração da tolerância, da solidariedade entre os diferentes e da confraternização entre classes sociais, credos e raças. A tradicional procissão saiu da igreja às 12h em direção ao Quartel dos Bombeiros,

na Barroquinha, onde a santa, padroeira da corporação, foi homenageada como acontece todos os anos.

"Santa Bárbara nos deixou um exemplo de fidelidade à fé católica, de persistência e de coragem e, sobretudo, de sabedoria ao conviver com o diferente", afirmou dom Giljo. As palavras do bispo ecoaram entre um público que reuniu representantes de todos os credos e raças e, sobretudo, da fé cristã que unia a todos. "Sou devota desde os 7 anos e, independentemente do nome, Santa Bárbara ou Iansã, é a ela que recorro nos momentos de dificuldade", declarou Maria do Carmo Nunes, durante a celebração que tomou o largo da igreja.

Decapitada pelo pai, depois de fazer o voto de virgindade que a impedia de casar-se com

o rapaz a quem ele a havia prometido, Bárbara tornou-se para a igreja exemplo de fidelidade e firmeza, até o martírio. "O martírio de Bárbara nos ensina a não nos surpreendermos com os castigos divinos, sem, contudo, abdicar da felicidade e da fé", disse dom Giljo durante a homilia. Dentro e fora da igreja, os fiéis acompanharam a cerimônia, em sintonia com o desejo de igualdade pregado pelo bispo. "Não importa a religião ou a crença, mas a capacidade de sabermos viver como irmãos", ressaltou a aposentada Lucelene Barbosa, 53 anos.

Sincretismo - Para o padre Hélio Rocha, pároco da Igreja do Rosário, o sincretismo religioso que une a imagem de Bárbara à de Iansã faz parte da cultura do povo baia-

no, mas as diferenças existem e são respeitadas. "O sincretismo existe há muito tempo. É um fato, mas tanto o candomblé quanto o catolicismo já reconhecem as diferenças e nutrem respeito e admiração mútuos", disse o pároco.

O mesmo pensamento é defendido desde a década de 1980 por mãe Stélia de Oxóssi, uma das líderes femininas lembradas durante a celebração. "Temos exemplos de mulheres que, pública ou anonimamente, ajudam a comunidade a se organizar e aos homens a abrir seus corações ainda machistas em benefício de um mundo mais justo", disse dom Giljo. Depois da missa, a procissão de Santa Bárbara seguiu para o Corpo de Bombeiros, onde foi servido o caruru em homenagem à padroeira.



A imagem de Santa Bárbara foi recebida com festa no Quartel dos Bombeiros



Sincretismo de fé

O amaiá - oferenda a Iansã feita à base de quiabo - é colocado aos pés da imagem de Santa Bárbara no mercado que leva o seu nome, na Baixa dos Sapateiros. As cores vermelha e branca da roupa de Bárbara, que enfeitam as lojas, se juntam ao verde característico de Oxóssi, o orixá caçador. "São todos santos guerreiros, por isso a homenagem tem que ser igual, independente da religião", justifica uma lojista. Há 125 anos, esse sincretismo de fé, símbolos e formas se repete no lugar durante os dias de louvação a Santa Bárbara.

Sábado passado, a tradicional festa do mercado reuniu mais de duas mil pessoas em torno de um caruru feito com sete mil quiabos. O aposentado José Reis da Cruz, 60 anos, po-

rem, não tocou o garfo na comida típica dos orixás. "Não como caruru, é coisa do candomblé. A igreja não gosta disso", cre, piamente. O filho-de-santo Gilvan dos Santos, 23 anos, tem uma opinião bem diferente. "Essa mistura de santos e orixás faz parte da nossa cultura, trazemos dos nossos antepassados. É isso que dá o nosso axé", diz.

De fato, o sincretismo Iansã-Santa Bárbara, como os de outros santos e orixás - Obaluaiê-São Roque, Omulú-São Lázaro, Senhor do Bonfim-Oxalá, só para citar alguns -, vem de muito tempo. A permanência desse sincretismo nos dias atuais é criticado de modo ferrenho por mãe Stélia de Oxóssi, uma das mais respeitadas ialorxás da Bateria.